

Histórias Imaginárias para Fomentar o Desejo de Empreender¹

Adilma Gomes de Carvalho Madureira

Resumo

Este texto fictício é resultado de um trabalho de pesquisa na comunidade de ceramistas de Irará, Bahia, cujo objetivo foi identificar um potencial empreendedor cultural neste grupo. Narrado na primeira pessoa, trata-se de um roteiro de uma peça que pode ser encenada utilizando as técnicas do Teatro do Oprimido, em especial o Teatro Fórum, de Augusto Boal. Atualmente, cerca de duas dezenas de ceramistas, distribuídas em três comunidades rurais – Lajes, Caboronga e Mangueira –, mantêm a tradição de confeccionar, em barro extraído da região, a cerâmica utilitarista, a qual é comercializada, principalmente, na feira que acontece semanalmente na cidade. Esta tradição, no entanto, está morrendo, principalmente em função das dificuldades que são enfrentadas pelas ceramistas. Jussara, personagem que protagoniza a história, representa uma geração que não aceita sobreviver à base da venda das cerâmicas, mas, ao mesmo tempo, se inquieta com a possibilidade do fim desta tradição.

Palavras-chave

Irará. Ceramistas. Cerâmica. Tradição. Teatro Fórum.

Abstract

This fictional text is the result of a research that was made in the community of ceramists from Irará, Bahia, whose main objective was to identify potential for cultural entrepreneurship in this group. Narrated in the first person, this is about a script from a play that may be staged using the techniques from the *Teatro do Oprimido* (Theatre of the Oppressed One), specially the *Teatro Fórum* (Forum Theatre) by Augusto Boal. Currently, there are about two tens ceramists, distributed in three communities – Lajes, Caboronga and Mangueira –, who keep the tradition of handcrafting, using clay extracted from their own region, producing utilitarian ceramic, which is mostly commercialized at the weekly fair in their cities. This tradition, however, is dying, due to the difficulties the ceramists are facing. Jussara, the leading

character in this story, represents a generation that does not accept to live on the sale of ceramics, but, at the same time, is concerned about the end of this tradition.

Keywords Irará. Ceramists. Ceramic. Tradition. Forum Theatre.

INTRODUÇÃO

Tópicos Especiais de Gestão Social é uma disciplina optativa para o curso de Gestão Pública na Faculdade de Administração da UFBA. O objetivo geral da matéria é “Compreender a gestão social como uma prática multidisciplinar e relacional, articulando dimensões conceituais tais como a identidade cultural, o empreendedorismo, a dramaturgia e o jogo teatral”.²

Os alunos matriculados nesta disciplina, no primeiro semestre de 2014, realizaram uma visita técnica à cidade de Irará, Bahia, na comunidade de ceramistas, para identificação de empreendedores potenciais. Ao longo de dois meses, as atividades preparatórias para a visita foram: aplicações de conteúdos sobre teatro, gestão social e empreendedorismo, participações de palestrantes nas aulas e desenvolvimento de um trabalho corporal, visando auxiliar os estudantes no conhecimento da área dramaturgica para que, a partir de então, pudessem colocar o conhecimento adquirido na visita realizada à cidade, no intuito de fomentar o empreendedorismo através de uma das técnicas do Teatro Fórum que é o Teatro do Oprimido, o qual parte da “encenação de uma situação real, estimula a troca de experiências entre atores e espectadores, através da intervenção direta na ação teatral, visando a análise e a compreensão da estrutura representada e a busca de meios concretos para ações efetivas que levem à transformação daquela realidade”³.

Em Irará, os estudantes, divididos em equipes, pesquisaram, na feira local e em outros ambientes da cidade, o empreendedor em potencial, através de entrevistas semiestruturadas. Ao final do dia, todos se reuniram para compartilhar as histórias de cada grupo e criar coletivamente uma *story line*, com o objetivo de, na tarde seguinte, apresentar uma peça teatral que representasse uma dessas histórias reais, com personagens que traduzissem principalmente os conflitos e dificuldades que se opõem à comunidade de ceramistas e outros atores sociais, impedindo o alcance daquilo que o empreendedor deseja, cabendo ao público intervir e sugerir soluções.

No Teatro Fórum, o público interage e sugere saídas para o problema apresentado, mas nenhuma sugestão é certa e nenhuma é errada - todas podem colaborar para a reflexão. Esta técnica pode ser uma ferramenta de gestão que divide com os atores sociais a responsabilidade de pensar soluções criativas, colaborativas e participativas, de forma lúdica, para os problemas da comunidade, a qual pode enxergar numa personagem, e na sua narrativa, a síntese das suas próprias histórias.

Em Irará, a partir da discussão das diversas histórias coletadas, percebeu-se que a atividade de ceramista corre o risco de acabar. Os jovens iraraenses, filhos e netos de ceramistas, já não querem aprender o ofício dos pais e avós. Ao chegarem à adolescência e idade adulta, seus anseios e perspectivas são diferentes daqueles que nortearam as vidas dos seus antepassados. Muitos têm um nível de escolaridade maior que o de seus pais e tornam-se, em alguns casos, o primeiro membro da família a adquirir um diploma numa universidade.

Esta história baseia-se nos relatos verdadeiros de pessoas que se dispuseram a falar sobre seus anseios e dificuldades. Jussara, personagem fictícia, filha de uma ceramista e de um agricultor, é pedagoga. Embora não tenha o talento de artesã da mãe, nem queira perpetuar o ofício do pai, ela se reconhece como membro de uma comunidade de ceramistas do interior da Bahia e deseja, de algum modo, manter a cultura e tradição do seu povo. Aos poucos, Jussara vai revelando a sua personalidade, a sua história, suas inquietações. O texto procura, a partir da reflexão da personagem, apresentar um panorama real do que se observa atualmente em Irará e que pode ser encenado utilizando as técnicas do Teatro Fórum.

HISTÓRIA ENRAIZADA PARA FOMENTAR O DESEJO DE EMPREENDER

Eu me chamo Jussara. Pelo que sei, sou descendente de escravos e índios. Não há brancos na família, exceto porque uma prima da minha bisavó foi embora com um português, mas dela ninguém mais soube notícia. Nasci na zona rural de uma pequena cidade do interior da Bahia. Cresci vendo minha mãe e as mulheres ao redor fazendo panelas de barro para venderem na feira. Jamais consegui aprender o ofício, mas sempre admirei a talento de D. Zefinha, minha mãe. Suas panelas são, ainda hoje, as mais bonitas. Torneadas à mão, em vários tamanhos, parecem sair de uma “máquina de fazer panelas” de tão perfeitas. É a sua especialidade, embora também saiba fazer fogareiros e frigideiras.

Acabo de completar 30 anos, mas, ao contrário dela, aparento menos. Sou a caçula de quatro filhos, o restante são homens. Sou a primeira e única até agora que resolveu estudar para ser diferente dos demais na nossa família. Minha mãe tem 47 anos e, assim como meu pai, com 53 anos, é analfabeta. Minha mãe se recusa a aprender a ler para não contrariar meu pai, suponho. Quando teve a oportunidade de se alfabetizar, meu pai a proibiu de ir à escola. A proibição dele não foi com palavras, e sim com atitudes. A cada dia aparecia com um problema, uma dor, uma queixa da vida, um olhar premeditadamente tristonho e vago. D. Zefinha, mulher submissa ao marido, começou a faltar à escola até que deixou de ir e todos os problemas do meu pai desapareceram junto com a desistência dela.

Herdei de meu avô por parte de mãe o gosto pela capoeira e, desde que me entendo por gente, pratico a luta, mesmo contra o desejo de meu pai. Da minha avó, por parte de pai, herdei o gosto pelo samba de roda, danço como ninguém! **Tudo inútil!** Diz meu pai até hoje. Para ele, eu tinha que aprender a fazer panelas, arrumar um marido, parir e cuidar dos filhos. Apesar de estarmos no século XXI, meu pai se fixou em algum lugar do passado e se nega a sair de lá. Entretanto, a afeição que sinto por ele não me impede de perceber o quanto é injusto e opressor com minha mãe, assim como foi comigo.

Ambos trabalham até hoje. Meus três irmãos, cada um já tem dois filhos e todos vivem por perto. Um deles tem um bar próximo do local onde mora, é de onde tira o sustento da família. Os outros trabalham na lavoura, junto com meu pai, que tem algumas tarefas de terra. Numa metade do ano, minha mãe produz peças de cerâmica para vender, noutra metade planta mandioca e faz farinha. A vida é regida, ainda hoje, pelo período das chuvas. Se tiver muita chuva, o barro não dá “liga”, se tem pouca, o barro também não serve, fica ressecado demais, e não tem mandioca. Os homens, até hoje, quando não vão para a capital tentar a vida, trabalham na roça, pegam o barro para as mulheres, jogam capoeira nas horas vagas e nos finais de semana. Juntos, homens e mulheres vão ao samba de roda no sábado à noite. Os homens tocam, as mulheres sambam. Meu pai fica em casa, resmungando. Minha mãe fica junto com ele, cochilando.

Muitas mulheres da minha geração – nesse lugar – ainda se sentem inferiores aos homens e, quando se casam, passam a ser dominadas pelos seus maridos. Não desejo isso para mim. Quero mais da vida.

Depois que concluí o ensino médio, graças a um programa governamental, consegui vaga numa faculdade pública e passei quatro anos morando numa república estudantil, por conta da universidade.

O tempo que passei na universidade foi importante e decisivo. Se antes minha pretensão era ir embora do lugar onde nasci, depois da faculdade de pedagogia, achei que deveria pensar na minha comunidade. Assim que me formei, trouxe dentro da minha bagagem um diploma e muitos sonhos de volta, remodelados. As panelas estão mingando, virando objeto de decoração, mas o samba de roda e a capoeira continuam, fazem parte da história do meu povo e da minha própria.

No dia que cheguei de volta, seis anos antes, muita gente da comunidade estava à minha espera. Foi a minha festa de formatura. A primeira pessoa da família e de todos ao redor a ter um curso de nível superior. O orgulho não cabia nos meus pais. Na varanda da casa, cheia de vasos de plantas, bancos e cadeiras chegavam de todo lugar para que todos se acomodassem. A festa só acabou no dia seguinte.

Olhava aquela gente e a emoção tomou conta de mim. Aquele momento coroou todos os anos de dedicação na capital e me deu certeza do que eu realmente queria. Eu pertencço a esse lugar, sou filha dessa terra, durante muitos anos, foi o barro desse chão que me sustentou. Não posso simplesmente dar as costas a tudo isso e construir uma vida sem esse alicerce.

Na faculdade, os colegas mais chegados não entenderam minha decisão de voltar. Achavam que eu deveria continuar na capital, conseguir um emprego, ajudar meus pais assim que pudesse e tirá-los do campo. Durante algum tempo, não nego, esse era meu objetivo. Mas, à medida que os meses iam passando e eu estudava, descobria que poderia colaborar com o meu povo e precisava respeitar a decisão de meus pais de permanecerem nas terras deles.

E foi com esse espírito que retornei. A praça central, a igreja, as pessoas nas portas, as cercas de arame farpado, as panelas de barro, as árvores, os sapos coaxando à noite, tudo isso foi

voltando a pertencer à minha realidade de uma maneira diferente, mais amorosa, e me senti feliz pela minha escolha.

Descobri, já naquela semana, que a droga estava cada vez mais presente e diversos jovens eram viciados principalmente em *crack*. Comecei a pensar no que poderia ser feito para tirar esses jovens do vício.

A primeira coisa que fiz foi procurar a prefeitura e apresentar um projeto para ensinar capoeira e samba de roda para crianças e adolescentes. Foi preciso várias reuniões e muita insistência até convencer as autoridades que era possível fazer um trabalho respeitando a cultura da região. Como não havia verba, resolvi começar pedindo patrocínio de alguns comerciantes da cidade e foi assim que, em seis meses, estava começando a funcionar a Escola de Capoeira, Samba de Roda e Outras Artes, na qual crianças e adolescentes aprendem a jogar capoeira, dançar e compor sambas de rodas e tocar instrumentos musicais.

Qualquer criança ou adolescente pode estudar nessa escola, desde que não deixe de frequentar as aulas cotidianas. Se alguém perde o ano, perde a vaga. Desde que comecei com o meu projeto, ninguém deixou de frequentar por perder o ano. O reconhecimento dos estudantes e a alegria dos pais é o que mais me motiva a continuar. Não falta verba, mas também não sobra.

Minha mãe continua fazendo suas panelas de barro e levando para a feira. É o que sabe e o que quer fazer. Sinto orgulho dela. Acho que trago em mim o mesmo sentimento de desafio da minha mãe.

Ando de motocicleta pela cidade, continuo morando com meus pais, ajudo mensalmente nas despesas da casa. Meu sonho era poder proporcionar a essa gente algo mais. Eles precisam entender que separados não têm força, é preciso união para manter a tradição cultural e sobreviverem dessa arte.

Comecei a pesquisar sobre a formação de uma cooperativa, mas tenho pouco tempo disponível para dar continuidade, mesmo assim, ajudei a formar uma associação, embora não fosse, nem é o meu desejo ficar à frente. Por esse motivo, passei para D. Elza presidida. Em pouco tempo, uma desavença motivada por disputa política trouxe uma cisão e a associação dividiu-se em duas.

Enquanto a Escola de Capoeira, Samba de Roda e Outras Artes cresce e se destaca, as ceramistas vão reduzindo a venda de seus produtos. Atualmente, a grande venda é para um órgão do governo que comercializa na capital e em outros lugares a um preço bastante superior ao da compra. Já pensei em tentar fazer essa comercialização, mas os custos com transporte são proibitivos. Ainda estou pensando numa forma de mandar essa cerâmica para fora...

Houve um período, cerca de dez anos antes, que a cerâmica era levada para os quatro cantos desse país. Hoje o espaço das ceramistas na feira é reduzido e no máximo três delas trabalham nessa venda, inclusive vende peças que não são suas e sim de outras ceramistas. Minha mãe vai todos os sábados. Talvez seja até para ficar um pouco livre das obrigações e

tarefas domésticas. Tenho dó quando vejo aquelas três mulheres sob sol e chuva, boa parte do dia, na feira. Há dias em que não tem uma venda sequer. Logo que voltei, conversei com a minha mãe e lhe dei um protetor solar, mas ela se negou a usar. Quando falei que tem que proteger o rosto por causa de câncer de pele, ela me respondeu **“Quem tem Jesus no coração não pega essa doença é nunca!”**.

Minha mãe é uma ceramista, eu sou uma pedagoga. Assim como ela, sinto orgulho da minha tradição. A venda dos produtos para o órgão do governo está impondo a regularização da associação. Já não me sinto mais à vontade para ajudar nisso diretamente. Na verdade, nem disponho mais de tempo para isso. Sinto que é preciso reunir as artesãs, mas, depois do programa de alfabetização não ter dado certo, fiquei um pouco constrangida por oferecer ajuda.

Sinto-me feliz por estar conseguindo trazer jovens para a arte. Inclusive já tenho uma proposta para trabalhar com uma terapia de reabilitação para drogados. Hoje, tenho mais quatro pessoas trabalhando comigo. No entanto, meu receio ultimamente é me acomodar nessa situação. Meus pais, embora não sejam idosos, começam a apresentar problemas de saúde comuns aos lavradores e ceramistas – dores na coluna e artrose. E eu não quero ver acabar essa arte que já está na minha família há pelo menos três gerações, mas que se encerrará com a morte de minha mãe, visto que nem eu nem meus irmãos aprendemos a fazer a cerâmica, nem queremos aprender. Cada vez mais, fico preocupada e pensativa a respeito disso. Como fazer para não acabar a tradição da cerâmica da minha cidade?

POTENCIAL DA HISTÓRIA DE INFLUENCIAR O DESEJO DE EMPREENDER

Um empreendedor é aquela pessoa que tem um brilho no olhar, que tem paixão pelo que faz, é aquele que tem o poder da ação ao invés de ficar esperando as coisas acontecerem.

Jussara, a personagem, é baseada numa pesquisa de campo, trata-se de uma “colcha de retalhos”, um “*mix*” de personalidades encontradas em Igarapé. Ela traz em si os requisitos básicos de um empreendedor e os questionamentos existenciais contemporâneos de uma mulher que não aceita a submissão ao homem, ainda que seja ao próprio pai. Não quer ser ceramista, como a mãe, e, por isso, saiu da comunidade, foi para a capital do estado, estudou, se formou e, mesmo tendo a possibilidade de ficar na cidade grande, voltou para as suas origens.

A partir do conhecimento acadêmico adquirido e do talento para a capoeira e samba de roda, tradicionais na comunidade onde nasceu, Jussara tem os seus sonhos alicerçados e o que norteia seus pensamentos é uma inquietação em torno do desejo de melhorar também a vida daqueles que estão ao seu redor. Uma verdadeira gestora social, a qual trabalha em prol da comunidade, busca recursos financeiros para seus projetos e age independentemente do que os órgãos públicos possam fazer. Quando encontra barreiras e desafios, não se aquieta, segue em frente e luta pelos seus ideais.

O seu exemplo é bastante significativo para as pessoas que a rodeiam. Mulher negra,

pais analfabetos, pobre e, apesar de todas as dificuldades, abriu seu próprio caminho, contando com políticas de reparação que inserem pessoas historicamente excluídas, como ela. Provavelmente, sem essas políticas de inserção, Jussara não conseguiria alcançar seu objetivo de estudar. O que a personagem traz, nessa sequência, é a certeza de que existem possibilidades e que se deve aproveitá-las.

Há, no texto, uma mensagem otimista, mas bastante realista e factível. Na Universidade Federal da Bahia, apenas para ilustrar a cena, há inúmeros casos de alunos filhos de lavradores, cujo diploma será o primeiro na família. Muitos desses estudantes, ao invés de renegar as suas origens ou deixarem-na para trás, decidem retornar às suas respectivas cidades a fim de contribuírem para uma sociedade menos desigual.

O empreendedor, o indivíduo que tem esse talento, não se amedronta com as dificuldades. Pelo contrário, procura meios de ultrapassá-las, aprende com os erros, não desiste facilmente, valoriza as conquistas e respeita os demais. No caso da personagem, há um respeito pela arte que a mãe produz. Jussara não tem objetivo de enriquecer financeiramente. Seus valores estão associados à cultura e, sem que ela desista, o seu projeto continua, mas, enquanto isso, ela se inquieta, mais uma vez, na tentativa de resgatar a arte da cerâmica, preocupada com o futuro quando, provavelmente, não haverá para quem transmitir o ofício.

POTENCIAL DE USO DA HISTÓRIA NO CONTEXTO DO TEATRO FÓRUM

O Teatro Fórum é uma técnica em que os atores representam uma cena até a apresentação do problema e, em seguida, propõem aos espectadores que mostrem, por meio da ação cênica, soluções para o problema então apresentado.

A história, relatada na primeira pessoa, traz uma personagem com um grande problema. Uma mulher, filha de um lavrador e de uma ceramista – cujo destino foi moldado como sua mãe molda as panelas de barro que vende na feira –, chega aos 30 anos e se questiona quanto aos objetivos traçados durante a sua graduação numa universidade pública.

Jussara faz uma retrospectiva da sua vida, avaliando o que já alcançou, valorizando suas conquistas, mas, ao mesmo tempo, se questionando quanto ao seu papel na comunidade para evitar o fim da tradição ceramista do lugar.

Herdeira de talentos cujas origens ficam claras no decorrer do texto, Jussara sente-se incômoda com a passividade das pessoas, representada também na resposta da prefeitura para o seu projeto, e não se deixa abater pelas dificuldades. Ao mesmo tempo, sabe que, se depender dela, não tem como continuar a tradição ceramista, visto que é a única mulher entre quatro filhos que também não darão continuidade à tradição quando a mãe falecer.

Ela é oprimida pela situação de pobreza, mas, mesmo assim, consegue estudar. A segunda opressão que sente é o desejo de ir embora e deixar tudo para trás, mas suas raízes “falam mais alto” e ela retorna para encampar uma verdadeira batalha, usando as armas que são a capoeira e o samba de roda. A terceira opressão, contra a qual ela se sente acuada e sem resposta, é como não acabar com a tradição da cerâmica na cidade.

Tal narrativa, com uma clara apresentação de uma problemática, pode ser encenada utilizando-se a técnica do Teatro Fórum. Certamente, os especta-atores – espectadores do Teatro Fórum, aqueles que, compreendendo a pergunta, participam da cena e propõem respostas – vão mergulhar nessa dimensão apresentada pela personagem e vão sentir o desejo de responder, com ideias e sugestões.

Como lembra a Prof^a Antônia Pereira Bezerra (2014), o Teatro Fórum não traz soluções e sim sugestões que podem ser sete ou setenta, e não estão certas nem erradas. A metodologia é para reflexão, para um modelo de ação futura.

CONCLUSÃO

Numa peça de Teatro Fórum, pretende-se destruir a barreira entre palco e plateia e implementar o diálogo – a comunicação direta e ativa entre os espectadores e os atores. Aí, apresenta-se ao público um ou vários problemas, em forma de teatro, e o público é estimulado a entrar em cena, substituir o protagonista, participando de forma direta na criação de um final ou de vários finais possíveis. O Teatro Fórum, ao montar quadros de interação que apresentam problemas vividos pelas comunidades e ao propor que elas assumam o protagonismo de mudarem o final das histórias apresentadas, é um meio muito interessante de diálogo entre as comunidades. A base do Teatro Fórum é a exploração de situações de opressão e a valorização da capacidade criadora e criativa de todas as pessoas, através da sua ativação enquanto sujeitos.

Apropriado ao contexto da disciplina, Tópicos Especiais em Gestão Social, a metodologia do Teatro Fórum tem total aderência ao objetivo de estudar formas de atuação de um gestor público através do uso da arte para estabelecimento do diálogo.

Numa gestão democrática e participativa, ao invés de reuniões para análise de problemas da comunidade, se o gestor utilizar esta técnica, provavelmente será minimamente mais lúdico e terá uma forte tendência a recorrer a soluções oriundas da própria sociedade civil.

NOTA

- 1 Submetido à RIGS em: jun. 2014. Aceito para publicação em: mar. 2015.
- 2 Plano de Ensino: Disciplina Tópicos Especiais em Gestão Social (ADM23), Professor Eduardo Davel e Antônia Pereira Bezerra, 2015.1). Disponível em: <<http://www.novomoodle.ufba.br/course/view.php?id=639>>. Acesso em: 10 ago. 2016
- 3 Fonte: Disponível em: <<http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/teatro-do-oprimido>> Acesso em: 10 ago. 2016.

REFERÊNCIAS

Óprima! 2014 – Encontro de Teatro do Oprimido e Ativismo – o que é Teatro do Oprimido.

Disponível em: <http://oprima.wordpress.com/o-que-e-o-oprima/about/>. Acesso em: 2 jun. 2014.

**Adilma Gomes
de Carvalho
Madureira**

Administradora e Acadêmica do Curso de Gestão Pública da Universidade Federal da Bahia. Especializada em Organização, Sistemas e Métodos e em Marketing de Serviços.